A MALHA DO TEMPO E A ILUSÃO DO MUNDO APARENTE NO PANÓPTICO DIGITAL UNIVERSAL

THE MESH OF TIME AND THE ILLUSION OF THE APPARENT WORLD IN THE UNIVERSAL DIGITAL PANOPTICON

Atila Barros da Silva[1]
DOI: 10.66029/YSGH2022

RESUMO: O presente ensaio indaga criticamente a noção de ilusão do mundo aparente a partir da emergência do que se pode denominar panóptico digital universal, entendido como regime contemporâneo de visibilidade totalizante baseado na captura, processamento e modelagem algorítmica de dados. Partindo da metáfora da malha temporal, concebida como um tecido relacional de eventos interdependentes, o trabalho analisa as tensões entre a pretensão tecnopolítica de transparência absoluta e a complexidade ontológica da realidade. A análise articula a crítica foucaultiana do panoptismo com desenvolvimentos recentes da física teórica e da cosmologia contemporânea. Michel Foucault demonstra que os dispositivos panópticos operam por meio da internalização da vigilância e da reorganização das condições de visibilidade que estruturam a subjetividade moderna. No contexto digital, essa lógica é intensificada por infraestruturas algorítmicas capazes de correlacionar grandes volumes de dados e produzir modelos preditivos do comportamento social. Entretanto, os avanços da física contemporânea, particularmente nas contribuições de Carlo Rovelli sobre a natureza relacional do espaço-tempo e nos estudos de Stephen Hawking sobre radiação de buracos negros, indicam que a realidade não se apresenta como sistema plenamente determinável a partir de um ponto de observação totalizante. Ao contrário, o universo revela-se como rede complexa de relações, eventos e temporalidades múltiplas que escapam à captura completa por qualquer aparato técnico. A hipótese da simulação proposta por Nick Bostrom evidencia ainda a crescente tendência contemporânea de reinterpretar a ontologia do mundo à luz das estruturas computacionais. O ensaop argumenta que o panóptico digital universal constitui menos um sistema efetivamente capaz de dominar a complexidade do real do que uma forma de poder sustentada pela crença na possibilidade de sua total modelagem. Reconhecer os limites dessa pretensão é fundamental para compreender as implicações epistemológicas, políticas e ontológicas das sociedades digitais contemporâneas.

Palavras-chave: panóptico digital. ilusão do mundo aparente. temporalidade relacional. governamentalidade algorítmica.

[1] Graduado em Análise de Sistemas e em História pelo Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU-SP), possui formação acadêmica multidisciplinar. É pós-graduado com MBAs em Gestão do Conhecimento e em Data Warehouse e Business Intelligence, além de especializações em Engenharia de Software, Antropologia, História, Educação do Campo, Filosofia, Psicopedagogia e Neuropsicopedagogia. Mestre em Educação pela Universidade Estácio de Sá (UNESA-RJ), onde atua como professor titular e pesquisador. Doutorando em Educação pela Universidad Nacional de Rosario (UNR-Argentina). Lattes: http://lattes.cnpq.br/4660184868094532. Orcid iD: https://orcid.org/0009-0006-3739-0681. E-mail: atilafmusp@gmail.com

REVISTA MOVER — CIÊNCIAS E HUMANIDADES | REVISTA ACADÊMICA DE ACESSO ABERTO.
©2026 POR MOVER — CIÊNCIAS E HUMANIDADES
revistamover.com.br

ABSTRACT: This essay critically examines the notion of the illusion of the apparent world in light of the emergence of what may be termed the universal digital panopticon, understood as a contemporary regime of totalizing visibility based on the capture, processing, and algorithmic modeling of data. Starting from the metaphor of the temporal mesh, conceived as a relational fabric of interdependent events, the study analyzes the tensions between the technopolitical aspiration for absolute transparency and the ontological complexity of reality. The analysis articulates the Foucauldian critique of panopticism with recent developments in theoretical physics and contemporary cosmology. Michel Foucault demonstrates that panoptic dispositifs operate through the internalization of surveillance and the reorganization of the conditions of visibility that structure modern subjectivity. In the digital context, this logic is intensified by algorithmic infrastructures capable of correlating massive volumes of data and producing predictive models of social behavior. However, advances in contemporary physics—particularly Carlo Rovelli's contributions concerning the relational nature of space-time and Stephen Hawking's studies on black hole radiation—indicate that reality does not present itself as a system fully determinable from a totalizing point of observation. On the contrary, the universe reveals itself as a complex network of relations, events, and multiple temporalities that escape complete capture by any technical apparatus. The simulation hypothesis proposed by Nick Bostrom further highlights the growing contemporary tendency to reinterpret the ontology of the world through computational structures. This essay argues that the universal digital panopticon constitutes less a system effectively capable of mastering the complexity of reality than a form of power sustained by the belief in the possibility of its total modeling. Recognizing the limits of this aspiration is essential for understanding the epistemological, political, and ontological implications of contemporary digital societies.

Keywords: digital panopticon. illusion of the apparent world. relational temporality. algorithmic governmentality.

REVISTA MOVER — CIÊNCIAS E HUMANIDADES | REVISTA ACADÊMICA DE ACESSO ABERTO.
©2026 POR MOVER — CIÊNCIAS E HUMANIDADES
revistamover.com.br

INTRODUÇÃO

A experiência contemporânea do mundo encontra-se cada vez mais mediada por infraestruturas digitais de captura, processamento e interpretação de dados que prometem converter a complexidade da realidade em informação legível, previsível e administrável. Nesse horizonte, a expansão dos sistemas algorítmicos de vigilância e análise preditiva tem produzido aquilo que pode ser denominado, em termos conceituais, um panóptico digital universal: um regime de visibilidade distribuída que se pretende capaz de registrar, correlacionar e antecipar os fluxos de comportamento que atravessam a vida social. Contudo, a pretensão de transparência total que sustenta esse paradigma técnico-político confronta-se com uma questão epistemológica e ontológica fundamental: a realidade, longe de constituir uma superfície plenamente capturável, manifesta-se como um tecido complexo de relações, contingências e temporalidades cuja inteligibilidade permanece sempre parcial.

A metáfora da malha do tempo, que concebe o universo como um entrelaçamento dinâmico de causas, efeitos e relações interdependentes, fornece um ponto de partida fecundo para a problematização desse impasse. Nessa perspectiva, o real não se organiza como uma sequência linear de eventos isolados, mas como um tecido relacional no qual cada intervenção local reverbera em múltiplas escalas e direções. Puxar um único fio dessa trama pode desencadear consequências imprevisíveis que atravessam diferentes planos da realidade, alterando configurações presentes e reconfigurando horizontes futuros. Tal imagem não deve ser compreendida apenas como recurso metafórico; ela expressa uma intuição profundamente consonante com os desenvolvimentos contemporâneos da física teórica e da filosofia da ciência, particularmente no que diz respeito à natureza relacional do espaço-tempo e à indeterminação inerente aos sistemas complexos.

Ao mesmo tempo, essa concepção relacional da realidade entra em tensão direta com o imaginário tecnopolítico que sustenta os sistemas de vigilância algorítmica. O panóptico digital universal emerge precisamente como tentativa de neutralizar a imprevisibilidade constitutiva dessa malha temporal. Ao coletar e processar volumes massivos de dados, esses sistemas aspiram construir modelos computacionais capazes de simular e antecipar comportamentos individuais e coletivos, transformando o futuro em um campo de probabilidades calculáveis. A governamentalidade contemporânea passa, assim, a operar não apenas sobre corpos ou populações, mas sobre horizontes temporais, reorganizando a relação entre presente e futuro por meio de tecnologias preditivas que buscam converter a contingência em risco administrável.

Nesse contexto, a análise foucaultiana do panoptismo oferece uma chave interpretativa decisiva. Ao examinar a lógica do panóptico como dispositivo de poder, Michel Foucault demonstrou que a vigilância moderna não se limita à observação direta, mas constitui um mecanismo de produção de subjetividades que internalizam a possibilidade permanente de visibilidade (Foucault, 1975). O poder panóptico opera menos pela coerção explícita do que pela reorganização das condições de visibilidade nas quais os sujeitos se constituem. Na contemporaneidade digital, essa lógica é profundamente intensificada: a vigilância deixa de depender da presença física do observador e passa a ser exercida por redes distribuídas de sensores, algoritmos e plataformas que transformam cada interação social em dado passível de análise.

Entretanto, a própria expansão dessas infraestruturas de monitoramento revela um paradoxo fundamental. A promessa de conhecimento total sobre o mundo social apoia-se na suposição de que a realidade possa ser integralmente traduzida em dados e

REVISTA MOVER — CIÊNCIAS E HUMANIDADES | REVISTA ACADÊMICA DE ACESSO ABERTO.
©2026 POR MOVER — CIÊNCIAS E HUMANIDADES
revistamover.com.br

correlacionada por modelos matemáticos. Contudo, os desenvolvimentos da física contemporânea sugerem precisamente o contrário. As contribuições de Carlo Rovelli, por exemplo, demonstram que o espaço e o tempo não constituem estruturas absolutas, mas redes relacionais emergentes de interações físicas (Rovelli, 2008; 2018). O universo não se apresenta como um sistema plenamente determinável a partir de um ponto de observação externo; ele é antes uma trama dinâmica de eventos cujas relações se reconfiguram continuamente. Essa concepção relacional da realidade é ainda aprofundada pelas transformações trazidas pela física dos buracos negros. O trabalho seminal de Stephen Hawking sobre a criação de partículas em horizontes de eventos mostrou que mesmo regiões consideradas completamente opacas ao conhecimento físico apresentam dinâmicas complexas envolvendo informação, gravidade e termodinâmica (Hawking, 1975). O universo revela-se, assim, muito mais intricado e menos transparente do que sugerem as aspirações tecnológicas de totalização cognitiva.

A cosmologia contemporânea também reforça essa visão de um universo estruturalmente aberto e dinâmico. Modelos baseados na teoria da torção do espaço-tempo, como os propostos por Popławski (2010), sugerem que a própria origem do universo pode ser compreendida como parte de um processo cíclico de contração e expansão, desafiando narrativas lineares de causalidade absoluta. Observações astronômicas recentes, como as associadas ao estudo das supernovas do tipo Ia[2] e à descoberta da expansão acelerada do universo, evidenciam ainda mais a complexidade estrutural do cosmos (Reis; Siffert, 2022).

Diante desse quadro, torna-se possível compreender o panóptico digital universal como expressão de uma tensão fundamental entre duas formas distintas de conceber a realidade. De um lado, a ontologia relacional sugerida pela física contemporânea aponta para um universo caracterizado por contingência, complexidade e abertura temporal. De outro, a racionalidade algorítmica que estrutura os sistemas de vigilância digital sustentam-se na expectativa de que o mundo possa ser plenamente modelado e antecipado por sistemas computacionais.

A reflexão filosófica contemporânea, particularmente nas obras de Nick Bostrom, leva essa tensão a um limite especulativo ao considerar a possibilidade de que a própria realidade possa ser compreendida como simulação computacional (Bostrom, 2003). Independentemente da plausibilidade empírica dessa hipótese, ela evidencia a crescente tendência de reinterpretar a ontologia do mundo à luz das estruturas da computação. A realidade passa a ser concebida como sistema potencialmente simulável, reforçando a imaginação tecnopolítica que sustenta o projeto panóptico.

O ensaio parte dessa tensão fundamental para investigar criticamente a relação entre a malha temporal da realidade e a ilusão panóptica da transparência digital. Argumenta-se que o panóptico digital universal constitui menos um sistema efetivamente capaz de dominar a complexidade do mundo do que uma estrutura de poder fundada na crença de que tal domínio seja possível. Ao confrontar essa crença com os desenvolvimentos da física contemporânea e com a crítica filosófica das formas modernas de poder, torna-se possível revelar os limites epistemológicos e ontológicos da pretensão de transparência absoluta que caracteriza as sociedades digitais.

[2] Supernovas do tipo Ia são explosões estelares resultantes da instabilidade termonuclear de anãs brancas em sistemas binários. Quando a estrela acumula massa de sua companheira e se aproxima do limite de Chandrasekhar (aproximadamente 1,4 massas solares), ocorre uma reação termonuclear descontrolada que provoca sua explosão. Devido à relativa uniformidade de sua luminosidade máxima, essas supernovas são utilizadas como “velas padrão” na cosmologia para medir distâncias extragalácticas e investigar a dinâmica de expansão do universo (REIS; SIFFERT, 2022).

REVISTA MOVER — CIÊNCIAS E HUMANIDADES | REVISTA ACADÊMICA DE ACESSO ABERTO.
©2026 POR MOVER — CIÊNCIAS E HUMANIDADES
revistamover.com.br

Assim, a análise aqui desenvolvida busca demonstrar que a expansão das tecnologias de vigilância não elimina a opacidade constitutiva do real. Pelo contrário, ela frequentemente a oculta sob a aparência de conhecimento totalizante. A malha do tempo permanece atravessada por contingências, bifurcações e acontecimentos imprevisíveis que escapam à captura algorítmica. Reconhecer essa dimensão não significa negar o poder transformador das tecnologias contemporâneas, mas compreender que a realidade, como tecido relacional de eventos, excede necessariamente qualquer tentativa de reduzi-la a um modelo computacional plenamente transparente.

A IMENSA MALHA

O tempo é uma imensa malha na qual tudo está interligado, um tecido complexo de causas e efeitos onde cada ponto de luz ou sombra se entrelaça. Ao puxarmos um de seus fios, movidos pela curiosidade ou pela necessidade, não temos como prever as consequências que esse simples gesto desencadeará em toda a estrutura. Um único movimento, aparentemente insignificante, pode desfazer um nó indispensável no presente, desenredar um futuro promissor ou, sem que o saibamos, desfiar a própria memória de um passado que julgávamos sólido.

Assim, mesmo na tentativa de compreender esse complexo tecido, o ato de puxar um fio permanece um grande mistério. Somos como artesãos cegos, tateando uma tapeçaria cósmica cujo desenho completo nos é invisível. Cada escolha, cada intervenção, é um risco calculado com dados que desconhecemos. A malha do tempo não se revela facilmente; ela se contorce, se reorganiza e, por vezes, responde ao nosso toque de formas inesperadas, lembrando-nos de que somos parte da teia, e não seus mestres. Nossa busca por entendimento é, assim, um ato de fé e coragem, um reconhecimento de que, ao interagir com o infinito, devemos aceitar a beleza e o terror do imprevisível.

A proposição de que o tempo constitui uma imensa malha na qual tudo se interliga, um tecido complexo de causas e efeitos onde cada ponto de luz ou sombra se entrelaça, transcende a mera metáfora poética para inscrever-se no cerne de problemáticas filosóficas, científicas e políticas contemporâneas. Esta concepção de um continuum relacional, onde eventos e entidades não são átomos isolados, mas nós em uma rede de interdependência, encontra ressonância singular quando articulada à noção de um panóptico digital universal. Esta articulação exige um deslocamento da arquitetura carcerária imaginada Michel Foucault para um regime de visibilidade imaterial, ubíquo e totalizante, que opera pela captura, processamento e antecipação dos fluxos que compõem essa própria malha temporal. O exame crítico desta conjunção revela não apenas a atualização dos mecanismos disciplinares e de controle foucaultianos, mas também a emergência de uma nova ontologia do poder, fundada na governamentalidade algorítmica dos relacionamentos causais e na colonização do futuro potencial.

Em Vigiar e Punir, Foucault (1975), descreve o panóptico como uma “máquina de dissociar o par ver-ser visto”, uma arquitetura que assegura o funcionamento automático do poder pela possibilidade permanente da vigilância. O poder panóptico não age primordialmente pela repressão direta, mas pela internalização do olhar vigilante, produzindo sujeitos dóceis e úteis através de uma “economia política da visibilidade”. A passagem para o que se pode denominar panóptico digital universal implica uma transformação radical nesta economia. Se o panóptico clássico organizava corpos no espaço, o digital organiza dados no tempo. A malha temporal de causas e efeitos torna-se o território privilegiado de atuação. Cada interação digital, uma busca, uma compra, um deslocamento georreferenciado, uma conexão social, deixa um rastro luminoso (dado)

REVISTA MOVER — CIÊNCIAS E HUMANIDADES | REVISTA ACADÊMICA DE ACESSO ABERTO.
©2026 POR MOVER — CIÊNCIAS E HUMANIDADES
revistamover.com.br

que, agregado a bilhões de outros, permite inferir padrões, correlacionar variáveis e, crucialmente, modelar probabilidades futuras. A sombra, aqui, não é a ausência de visibilidade, mas o dado oculto, o padrão ainda não descoberto ou o perfil comportamental latente. A interligação total postulada pela metáfora inicial é o sine qua non (Condição Indispensável) para a operacionalidade deste novo panóptico. Sem a premissa de que tudo está conectado em uma teia de relações detectáveis, o projeto de vigilância massiva e mineração de dados perderia seu fundamento epistemológico.

A concepção foucaultiana de poder como rede capilar, exercido a partir de inúmeros pontos e em jogo nas relações microscópicas da vida cotidiana, conforme elaborado em Microfísica do Poder (2011), adapta-se perfeitamente à lógica distribuída da rede digital. Contudo, há uma intensificação e uma abstração. O poder não mais emana apenas de instituições específicas (a escola, o hospital, a prisão), mas está embutido na própria infraestrutura técnica da comunicação: nas plataformas, nos protocolos, nos algoritmos de recomendação e predição. Estes algoritmos são os grandes tecelões da malha perceptível, decidindo quais conexões são destacadas, quais causalidades são privilegiadas e, portanto, qual versão da realidade, qual ordem do tempo e das relações, é apresentada ao sujeito. Foucault, em A Ordem do Discurso (1995), analisava os procedimentos de controle e delimitação da produção do enunciado verdadeiro. No panóptico digital, a ordem do discurso é mediada pela ordem dos algoritmos, que funcionam como procedimentos internalizados de exclusão, classificação e valoração dos fluxos informacionais, constituindo um a priori histórico não mais apenas linguístico, mas também computacional.

A física teórica contemporânea, particularmente através das contribuições de Carlo Rovelli, oferece um suporte conceitual perturbador para essa discussão. Rovelli (2018), na esteira da gravitação quântica em loop, propõe uma desconstrução da noção clássica de tempo. O tempo linear e universal de Newton cede lugar a uma rede de relações causais locais. “O tempo é ignorância”, assegura Rovelli, sugerindo que nossa percepção de fluxo temporal unificado emerge da nossa incapacidade de apreender a totalidade das variáveis de um sistema. O panóptico digital universal alimenta a fantasia de superar essa ignorância. Ao aspirar a coletar todos os dados (todos os pontos da malha) e processá-los em tempo real, ele promete, ou ameaça, criar uma representação computacional do mundo tão completa que poderia, em tese, simular e prever estados futuros com alta precisão. Este é o horizonte traçado por Bostrom (2003), em sua hipótese da simulação, onde a realidade perceptível seria um constructo computacional avançado. O projeto panóptico digital, assim, pode ser lido como um esforço para instanciar uma simulação operacional do mundo social, não para questionar a realidade, mas para governá-la. A biopolítica, tal como analisada por Foucault em Nascimento da Biopolítica (2008), como gestão da vida das populações, atinge um novo patamar: torna-se uma psicopolítica algorítmica ou uma ontopolítica, que busca administrar não apenas a vida biológica, mas os desejos, as probabilidades comportamentais e os horizontes temporais dos indivíduos, modelando a malha causal antes mesmo que ela se atualize.

Neste contexto, a “coragem da verdade” (parrhesia), tema do último curso de Foucault (2008), adquire contornos dramáticos. Em um ambiente onde a verdade é cada vez mais um produto da correlação estatística e da predição modelar, onde a subjetividade é incessantemente interpolada por perfis e clusters de dados, o ato de dizer a verdade sobre si mesmo torna-se paradoxal. O sujeito é constantemente antecipado e classificado por sistemas que “conhecem” suas tendências melhor do que ele próprio. A resistência, então, não pode mais se limitar à recusa da visibilidade (tentativa fadada ao fracasso na era da conectividade obrigatória), mas deve envolver a contestação das próprias lógicas que tecem a malha interpretativa. Trata-se de questionar os algoritmos que definem o que

REVISTA MOVER — CIÊNCIAS E HUMANIDADES | REVISTA ACADÊMICA DE ACESSO ABERTO.
©2026 POR MOVER — CIÊNCIAS E HUMANIDADES
revistamover.com.br

é relevante, o que é conexão significativa, o que é desvio. A desconstrução derridiana, como a praticada em Da Gramatologia (2011), com seu foco nos logocentrismos e nas hierarquias ocultas nas estruturas, fornece uma ferramenta para desnaturalizar a objetividade aparente dos sistemas algorítmicos, revelando as escolhas políticas, os vieses e as exclusões que os constituem. A ética da hospitalidade de Derrida (2003), voltada para o acolhimento incondicional do Outro, do imprevisível e do não-calculável, colide frontalmente com a lógica do panóptico digital, que é, em sua essência, uma máquina de antecipação, categorização e, portanto, de potencial exclusão do que não se enquadra nos padrões reconhecíveis.

A reflexão crítica sobre a relevância deste tema é premente. A articulação entre a malha temporal interconectada e o panóptico digital universal nos coloca diante de uma reconfiguração abissal das bases da experiência humana, do exercício do poder e da própria possibilidade da liberdade. Se, por um lado, a metáfora da interligação total pode evocar uma utopia de conhecimento integral e harmonia, sua captura por regimes de vigilância e predição comercial e estatal a transforma em distopia de controle sem precedentes. O perigo maior talvez não resida na violação pontual da privacidade, mas na moldagem silenciosa e em larga escala da percepção, do desejo e da ação coletiva. A malha deixa de ser um simples pano de fundo descritivo da realidade para tornar-se o instrumento ativo de sua produção e gestão. O poder, nas sociedades contemporâneas, opera crescentemente sob a lógica da governamentalidade algorítmica, que administra populações através do gerenciamento preemptivo de riscos e oportunidades no tecido mesmo das relações causais.

Deste modo, enfrentar criticamente este panorama exige mais do que ajustes regulatórios. Exige um repensar radical das categorias de sujeito, tempo e comunidade. Determina a coragem de interrogar as novas formas de produção da verdade e os dispositivos que, ao mapearem cada ponto de luz e sombra da nossa existência, ameaçam reduzir o complexo tecido da vida a um diagrama calculável, onde o futuro não é um horizonte de possibilidade aberta, mas um output a ser otimizado. A tarefa filosófica e política contemporânea, à luz deste ensaio, consiste em reafirmar, dentro e contra a malha, a irredutibilidade do acontecimento, a abertura do tempo e a potência do inesperado, aqueles pontos de fuga que, por não se deixarem completamente capturar pela rede de causas e efeitos previstos, mantêm viva a possibilidade de uma experiência autêntica e de uma ação verdadeiramente livre.

A MALHA TEMPORAL E A ILUSÃO PANÓPTICA

A proposição de que o tempo se configura como uma imensa malha cujos fios, uma vez puxados, desencadeiam consequências imprevisíveis em toda a estrutura, constitui mais do que uma imagem poética; ela encerra uma intuição profunda sobre a natureza relacional e não-linear da realidade, uma intuição que a física contemporânea corrobora e que a filosofia pode empregar para desvelar os impasses dos projetos totalizantes de poder. Quando articulada ao conceito de panóptico digital universal e submetida à lente crítica do pensamento de Michel Foucault, essa metáfora da malha impredicível transforma-se em um intenso instrumento analítico para compreender as contradições inerentes às sociedades de vigilância algorítmica. Este ensaio argumenta que a ambição fundamental do panóptico digital é precisamente negar ou domesticar essa imprevisibilidade intrínseca da malha temporal, aspirando a um conhecimento integral e a um controle antecipatório que a própria natureza relacional e entrelaçada do real resiste

REVISTA MOVER — CIÊNCIAS E HUMANIDADES | REVISTA ACADÊMICA DE ACESSO ABERTO.
©2026 POR MOVER — CIÊNCIAS E HUMANIDADES
revistamover.com.br

e subverte. O projeto panóptico, assim, esbarra não apenas em limites éticos ou políticos, mas em um limite ontológico e epistemológico inscrito na tessitura do próprio tempo.

A física teórica de Carlo Rovelli oferece uma base substantiva para a metáfora da malha. Em sua abordagem da gravitação quântica em loop, o tempo linear e universal dissolve-se em uma rede de relações causais locais. Como Rovelli (2018), postula, não existe um "agora" único e objetivo; o que existe são eventos interconectados, cuja ordem é parcial e perspectiveis. O tempo, nesse sentido, é a estrutura dessas conexões, uma teia de relações na qual cada elemento só adquire significado em sua correlação com os outros. "Puxar um fio" dessa malha corresponde a interferir em um evento ou relação local; contudo, dado que a rede é um sistema complexo de interdependências, as reverberações se propagam de forma não-linear e frequentemente incalculável, desfazendo expectativas causais lineares. Esta compreensão, ao ressoar os princípios dos sistemas complexos, reposiciona a imprevisibilidade da condição de mero déficit epistêmico à de atributo ontológico irredutível do real. É precisamente sobre este fundamento ontológico, que aceita o indeterminado como constitutivo, que se alicerça, de modo paradoxal, o edifício quimérico do panóptico digital universal.

Michel Foucault, em Vigiar e Punir (1975), descreve o panóptico benthamiano como uma máquina para "tornar visíveis" os indivíduos, submetendo-os a um campo de visibilidade permanente que induz à auto-regulação. O poder disciplinar atua organizando corpos no espaço, distribuindo-os, classificando-os e otimizando seus movimentos numa lógica essencialmente espacial. O panóptico digital universal realiza um salto qualitativo: seu alvo primordial não é mais o corpo no espaço, mas o dado no tempo. Sua ambição é capturar, em tempo real, a totalidade dos fios da malha temporal, cada interação, transação, comunicação e movimento, para, através da mineração de dados e da análise preditiva, tecer um duplo digital da realidade, um simulacro que permita não apenas ver o presente, mas antever e influenciar o futuro. Este é o cerne da biopolítica algorítmica que suplanta a disciplina: se a biopolítica descrita por Foucault em Nascimento da Biopolítica (2008), gerenciava a vida das populações através de estatísticas agregadas, a versão contemporânea busca uma gestão micro-física e individualizada dos comportamentos futuros, tentando transformar a imprevisibilidade em risco calculável.

Contudo, aqui reside a contradição fundamental. O panóptico digital alimenta-se da premissa de que a malha é totalmente cognoscível e modelável. Seu ideal é um mapa perfeito que corresponda, sem resto, ao território da experiência, eliminando a surpresa. No entanto, a própria metáfora inicial e sua ressonância na física de Rovelli apontam para o oposto: a malha é da ordem do complexo, onde efeitos não-lineares, emergências e singularidades irredutíveis são a regra. O gesto de "puxar um fio", seja um clique, uma busca, um like, ou uma compra, é capturado como dado, correlacionado a bilhões de outros e inserido em modelos preditivos. Mas a consequência total desse gesto no mundo vivido, uma mudança de opinião inesperada, um encontro casual não registrado, uma criação artística imprevista, uma forma de resistência sutil, escapa necessariamente ao modelo. O panóptico digital, portanto, opera com uma ilusão de onisciência. Ele vê infinitos pontos de dados (os nós da malha), mas é cego às novas conexões qualitativas que se formam fora de seus parâmetros de captura e às ressonâncias impensadas que um simples gesto pode gerar na subjetividade e na vida social. Ele confunde a correlação estatística, sua matéria-prima, com a compreensão causal profunda da malha.

Foucault, em sua análise dos dispositivos de poder, sempre atentou para as resistências que eles engendram. Em Microfísica do Poder (2011), enfatiza que onde há poder, há resistência, e esta é sempre múltipla e integrada às próprias redes de poder. A

REVISTA MOVER — CIÊNCIAS E HUMANIDADES | REVISTA ACADÊMICA DE ACESSO ABERTO.
©2026 POR MOVER — CIÊNCIAS E HUMANIDADES
revistamover.com.br

imprevisibilidade da malha temporal é o terreno fértil onde a resistência ao panóptico digital floresce. A tentativa totalizante de controle gera seus próprios pontos de fuga: o uso criativo e não previsto das plataformas, a tática do ghosting digital, a produção de ruído e dados falsos, a formação de comunidades criptografadas e, sobretudo, a capacidade humana de agir por motivações que não são redutíveis a padrões passados. A coragem da verdade (parrhesia), tema do último curso de Foucault (2008), reaparece aqui não como mero discurso veraz, mas como ação imprevisível e gesto singular que, ao puxar um fio da malha de modo não autorizado pelos algoritmos, introduz uma desordem criativa no sistema de previsão. A ética derridiana da hospitalidade, voltada para o acolhimento incondicional do absolutamente Outro, do imprevisível (Derrida, 2003), constitui um imperativo ético e político radical contra a lógica do panóptico, que é, por definição, uma máquina de antecipação e, portanto, de exclusão do que não é previsível ou categorizável.

A reflexão crítica sobre a relevância deste tema é imprescindível e dupla. Em primeiro plano, ela desmistifica a retórica de eficiência e segurança total que justifica a expansão da vigilância digital. Ao revelar a falha ontológica no cerne do projeto panóptico, sua incapacidade de abolir a imprevisibilidade constitutiva da malha temporal, desfaz-se a aura de onipotência que o cerca. Este não é um sistema de controle perfeito, mas um aparato que, na sua busca quimérica pela transparência absoluta, produz novas e mais profundas opacidades, riscos sistêmicos (como mostram os trabalhos de Bostrom sobre inteligência artificial) e uma governamentalidade baseada em profecias autorrealizáveis. Em segundo plano, e mais profundamente, a articulação entre a malha impredicível e o panóptico reafirma a liberdade como potencialidade não calculável. Se o tempo é essa teia de relações abertas, então o futuro não é um script a ser descoberto, mas um campo de possibilidades a ser constantemente inventado pela ação, inclusive pela ação resistente. A tarefa política e filosófica contemporânea, portanto, não é aceitar a malha como uma prisão determinista, mas reconhecer que sua própria tessitura aberta e interligada é a condição de possibilidade para intervenções transformadoras. Defender a imprevisibilidade não é cultuar o caos, é salvaguardar o espaço do acontecimento, do novo e do humano frente à petrificação do mundo em um gigantesco e frágil modelo de simulação. O panóptico digital universal, em sua arrogância, tenta costurar o véu da ilusão do mundo aparente, mas a malha do tempo, em sua infinita complexidade, sempre terá fios soltos, nós inesperados e rasgos por onde pode irromper o inaudito.

ILUSÃO DO MUNDO APARENTE

Pensar a ilusão do mundo aparente sob a figura do panóptico digital universal implica deslocar a discussão para além da crítica imediata aos dispositivos tecnológicos de vigilância, situando-a no interior de uma problemática epistemológica e ontológica mais ampla: a pretensão moderna, agora intensificada pela racionalidade algorítmica, de converter o real em superfície integralmente legível, mensurável e administrável. O panóptico digital universal não se reduz a um conjunto de plataformas digitais, sensores, sistemas de rastreamento ou arquiteturas de dados; ele constitui uma forma contemporânea de ontologia do controle, isto é, a crença de que o ser do mundo coincide, ou pode vir a coincidir, com aquilo que é capturável por dispositivos de registro, classificação e previsão. Nesse sentido, a metáfora do véu de Maya[3], tradicionalmente

[3] Véu de Maya é um conceito oriundo das tradições filosófico-religiosas do hinduísmo e do budismo que designa a condição ilusória do mundo fenomênico. Maya refere-se ao poder de aparência que encobre a

REVISTA MOVER — CIÊNCIAS E HUMANIDADES | REVISTA ACADÊMICA DE ACESSO ABERTO.
©2026 POR MOVER — CIÊNCIAS E HUMANIDADES
revistamover.com.br

associada à ilusão do mundo aparente, reaparece sob nova forma na contemporaneidade tecnológica. A promessa de transparência total, promovida pela expansão dos sistemas de vigilância digital e pelas capacidades exponenciais de processamento de dados, produz uma nova camada de aparência que se apresenta como evidência objetiva do real. O que se oferece como conhecimento totalizante é, na verdade, uma reorganização da experiência humana segundo regimes de visibilidade mediados por tecnologias de cálculo. Assim, o mundo aparente não desaparece; ele é reconfigurado pela mediação técnica.

A crítica foucaultiana da vigilância permanece central para compreender esse processo. Ao analisar o panoptismo como dispositivo de poder, Foucault demonstrou que a visibilidade constitui uma forma fundamental de disciplinamento social. O modelo do panóptico não se limita à arquitetura carcerária concebida por Jeremy Bentham; ele representa uma lógica difusa de poder que se estende por toda a sociedade moderna, produzindo sujeitos que internalizam a vigilância como forma de autogoverno (Foucault, 1975). Como observa o autor, a eficácia do panoptismo reside justamente no fato de que o indivíduo, ao saber-se potencialmente observado, torna-se o próprio agente de sua disciplina. A visibilidade, nesse sentido, transforma-se em mecanismo de poder.

Na contemporaneidade digital, essa lógica atinge um grau de expansão sem precedentes. A vigilância deixa de estar confinada a instituições disciplinares específicas e passa a operar em ambientes distribuídos de captura de dados, algoritmos preditivos e plataformas digitais. O panóptico torna-se ambiente sociotécnico difuso, no qual a observação não é mais necessariamente realizada por sujeitos humanos, mas por sistemas automáticos de análise de dados. O que está em jogo não é apenas a observação, mas a capacidade de antecipação probabilística do comportamento social.

Essa transformação pode ser interpretada como parte de um movimento mais amplo de racionalização técnica do mundo, no qual a realidade é progressivamente convertida em dados. Entretanto, a física contemporânea revela que essa pretensão de transparência total encontra limites ontológicos profundos. A obra de Carlo Rovelli oferece uma crítica decisiva às intuições ordinárias sobre a natureza da realidade. Em Reality is Not What It Seems, o autor demonstra que as concepções clássicas de espaço, tempo e matéria foram profundamente transformadas pelas teorias da relatividade e da física quântica (Rovelli, 2017). O universo não se apresenta como um conjunto de objetos estáveis situados em um espaço homogêneo; ele consiste em uma rede relacional de eventos cujas propriedades dependem das interações entre sistemas físicos.

Na esfera da gravidade quântica em loop, Rovelli propõe que o próprio espaço-tempo seja compreendido como estrutura quantizada e relacional, sem a existência de um fundo absoluto que organize os fenômenos físicos (Rovelli, 2008). Essa perspectiva desmonta a ideia de um ponto de observação totalizante a partir do qual o universo poderia ser integralmente descrito. A realidade aparece, ao contrário, como trama complexa de relações, processos e escalas.

Essa concepção é aprofundada quando o autor discute a natureza do tempo. Em The Order of Time, Rovelli argumenta que o tempo não constitui fluxo universal homogêneo, mas estrutura emergente dependente de relações físicas específicas (Rovelli, 2018). Não existe um presente absoluto compartilhado por todo o universo; há múltiplos tempos locais que se articulam em diferentes escalas físicas. Essa concepção relativiza

realidade última, fazendo com que os indivíduos percebam o mundo como conjunto de objetos e identidades estáveis, quando, na verdade, essa realidade é transitória, relacional e impermanente. Na filosofia contemporânea, o conceito é frequentemente mobilizado como metáfora epistemológica para indicar os limites da percepção e do conhecimento humano diante da complexidade do real.

REVISTA MOVER — CIÊNCIAS E HUMANIDADES | REVISTA ACADÊMICA DE ACESSO ABERTO.
©2026 POR MOVER — CIÊNCIAS E HUMANIDADES
revistamover.com.br

profundamente a imaginação panóptica de um ponto de observação simultâneo e universal.

A física dos buracos negros oferece outra dimensão crítica para essa discussão. No notável artigo “Particle Creation by Black Holes”, Stephen Hawking demonstrou que efeitos quânticos podem levar à emissão de radiação por buracos negros, fenômeno hoje conhecido como radiação de Hawking (Hawking, 1975). Esse resultado revolucionou a compreensão desses objetos astrofísicos ao mostrar que mesmo regiões consideradas absolutamente opacas ao conhecimento físico apresentam dinâmicas complexas envolvendo informação, termodinâmica e gravidade.

Esse resultado revela que os limites do observável não correspondem simplesmente à ausência de fenômenos físicos, mas à presença de regimes complexos de interação que desafiam nossas categorias intuitivas de compreensão. A opacidade não constitui apenas lacuna provisória do conhecimento; ela pode ser característica estrutural da própria realidade.

No campo da cosmologia, hipóteses recentes também apontam para a complexidade estrutural do universo. Popławski propõe que a inclusão da torção do espaço-tempo na teoria gravitacional pode evitar a singularidade cosmológica tradicional, sugerindo que o universo poderia emergir de um estado de raio mínimo finito (Popławski, 2010). Essa perspectiva rompe com a narrativa linear de origem absoluta e introduz modelos cosmológicos baseados em dinâmicas de contração e expansão.

Observações astronômicas também contribuíram para transformar profundamente nossa compreensão do universo. Estudos sobre supernovas do tipo Ia demonstraram que a expansão do universo ocorre de maneira acelerada, resultado que levou à formulação da hipótese da energia escura (Reis; Siffert, 2022). Esse fenômeno evidencia que o universo não apenas excede nossas intuições cotidianas, mas frequentemente desafia os modelos teóricos que pretendem descrevê-lo. Nesse contexto, as reflexões de Nick Bostrom introduzem outra dimensão filosófica ao debate. Em seu artigo “Are We Living in a Computer Simulation?”, o autor formula o argumento segundo o qual é plausível que civilizações tecnologicamente avançadas sejam capazes de executar simulações extremamente detalhadas de universos habitados por consciências artificiais (Bostrom, 2003). Embora não constitua prova empírica, essa hipótese revela uma transformação profunda na forma contemporânea de pensar a realidade: o mundo passa a ser imaginado como sistema potencialmente simulável.

Em Superintelligence, Bostrom amplia essa discussão ao analisar os riscos associados ao desenvolvimento de inteligências artificiais capazes de superar a capacidade cognitiva humana (Bostrom, 2014). Essas reflexões evidenciam como a metafísica contemporânea tende a reinterpretar o problema da aparência em termos computacionais. No entanto, reduzir a realidade ao paradigma da simulação implica confundir representação com ontologia. Modelos computacionais podem reproduzir padrões observáveis do mundo, mas não necessariamente esgotam sua estrutura ontológica. O panóptico digital universal incorre precisamente nesse equívoco ao transformar dados em equivalentes da realidade.

A ilusão do mundo aparente, nesse contexto, não consiste apenas em erro perceptivo. Ela emerge como resultado de uma operação histórica e tecnológica pela qual o real é continuamente convertido em superfície administrável. O que aparece como transparência total constitui, muitas vezes, apenas uma reorganização do mundo segundo protocolos técnicos de visibilidade.

A relevância contemporânea dessa problemática é evidente. Vivemos um momento histórico em que a expansão das infraestruturas digitais de vigilância e processamento de dados coincide com a crescente crença na capacidade das tecnologias

REVISTA MOVER — CIÊNCIAS E HUMANIDADES | REVISTA ACADÊMICA DE ACESSO ABERTO.
©2026 POR MOVER — CIÊNCIAS E HUMANIDADES
revistamover.com.br

de produzir conhecimento total sobre o mundo social. Entretanto, tanto a física contemporânea quanto a crítica filosófica do poder indicam que a realidade permanece estruturalmente mais complexa do que qualquer sistema de observação pode capturar.

A lição fundamental que emerge desse diálogo interdisciplinar é que a opacidade não constitui necessariamente falha do conhecimento, mas condição constitutiva da própria realidade. Reconhecer essa dimensão significa resistir à tentação contemporânea de reduzir o mundo à sua versão digitalmente legível. Em um tempo marcado pela expansão do panóptico digital universal, a tarefa crítica consiste justamente em preservar a consciência dos limites epistemológicos da transparência tecnológica e em afirmar a irredutibilidade do real às arquiteturas do cálculo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste ensaio procurou-se demonstrar que a emergência do que aqui se denominou panóptico digital universal não pode ser compreendida apenas como resultado de avanços tecnológicos no campo da informação, mas como manifestação de uma transformação mais profunda na forma como as sociedades contemporâneas concebem a relação entre conhecimento, poder e realidade. A expansão das infraestruturas digitais de vigilância, análise preditiva e modelagem algorítmica de dados produz um novo regime de visibilidade que se apresenta como capaz de converter a complexidade do mundo social em informação legível e administrável. Contudo, como se procurou argumentar ao longo do texto, essa pretensão de transparência absoluta encontra limites fundamentais quando confrontada com a própria natureza ontológica da realidade.

A metáfora da malha temporal revelou-se particularmente fecunda para iluminar esse impasse. Se o universo, físico ou social, pode ser compreendido como um tecido relacional de eventos interdependentes, então qualquer tentativa de capturar integralmente suas dinâmicas por meio de sistemas de observação e cálculo permanece inevitavelmente incompleta. Cada gesto, cada decisão e cada interação constituem pontos de inflexão em uma rede de causalidades cuja complexidade excede os modelos que procuram descrevê-la. A realidade não se apresenta como estrutura linear plenamente previsível, mas como campo de relações abertas no qual novas conexões e acontecimentos emergem continuamente.

Nesse sentido, a análise foucaultiana do panoptismo permanece decisiva para compreender o modo como os regimes de visibilidade operam na constituição das formas contemporâneas de poder. Foucault demonstrou que o panóptico não deve ser entendido apenas como arquitetura disciplinar, mas como princípio de organização das relações sociais baseado na internalização da vigilância e na produção de subjetividades ajustadas às condições de visibilidade impostas pelos dispositivos de poder. Na contemporaneidade digital, esse princípio sofre uma intensificação significativa. A vigilância deixa de depender da presença física do observador e passa a ser exercida por sistemas algorítmicos capazes de correlacionar grandes volumes de dados e produzir representações probabilísticas do comportamento humano. Entretanto, o deslocamento da vigilância do espaço para o domínio dos dados e da temporalidade não elimina as limitações estruturais do projeto panóptico. Ao contrário, ele tende a reproduzir sob nova forma a antiga ilusão de que o mundo pode ser integralmente conhecido a partir de um ponto de observação privilegiado. A promessa de que algoritmos e modelos matemáticos seriam capazes de antecipar o futuro social revela-se, nesse contexto, menos como realização de um conhecimento totalizante do que como expressão de uma crença tecnopolítica na capacidade de reduzir a complexidade do real a padrões computacionais.

REVISTA MOVER — CIÊNCIAS E HUMANIDADES | REVISTA ACADÊMICA DE ACESSO ABERTO.
©2026 POR MOVER — CIÊNCIAS E HUMANIDADES
revistamover.com.br

A interlocução com a física contemporânea contribui de maneira decisiva para relativizar essa pretensão. As contribuições de Carlo Rovelli, particularmente no âmbito da gravidade quântica em loop, sugerem que o próprio espaço-tempo não constitui uma estrutura fixa e absoluta, mas emerge como rede relacional de eventos cuja ordem depende das interações entre sistemas físicos. De modo semelhante, os estudos de Stephen Hawking sobre a radiação de buracos negros indicam que mesmo as regiões mais extremas do universo obedecem a dinâmicas complexas que desafiam nossas intuições clássicas sobre causalidade e observação. Esses desenvolvimentos apontam para uma concepção de realidade radicalmente distinta daquela pressuposta pelo imaginário panóptico.

Enquanto o panóptico digital universal pressupõe a existência de um ponto de observação capaz de totalizar a experiência, a física contemporânea revela um universo no qual nenhum observador ocupa posição privilegiada. O conhecimento surge sempre a partir de relações parciais, situadas e contingentes. Essa constatação possui implicações filosóficas profundas, pois indica que a opacidade não constitui simplesmente falha do conhecimento humano, mas dimensão constitutiva da própria realidade.

Nesse contexto, a hipótese da simulação proposta por Nick Bostrom aparece como expressão extrema da tendência contemporânea de reinterpretar o mundo segundo paradigmas computacionais. A ideia de que a realidade poderia ser concebida como sistema simulável reflete a crescente centralidade das tecnologias digitais na imaginação filosófica contemporânea. Contudo, essa hipótese também evidencia os riscos de reduzir a ontologia do real às estruturas formais da computação. Confundir representação com realidade significa ignorar a dimensão contingente, histórica e relacional da experiência humana.

A análise desenvolvida ao longo deste ensaio permite, portanto, compreender o panóptico digital universal não apenas como dispositivo tecnológico, mas como forma específica de racionalidade política. Trata-se de um regime de poder que busca governar o futuro por meio da modelagem probabilística do presente. A governamentalidade algorítmica não se limita a observar comportamentos; ela procura moldá-los antecipadamente ao reorganizar as condições de visibilidade e circulação da informação. Porém, a própria complexidade da malha temporal impede que essa pretensão se realize plenamente. Cada tentativa de estabilizar o fluxo do real em modelos preditivos encontra-se sujeita às irrupções do inesperado, às bifurcações históricas e às singularidades que escapam aos cálculos probabilísticos. O acontecimento permanece sempre possível porque o tecido das relações que compõem a realidade não é completamente determinável. Reconhecer essa dimensão implica reavaliar criticamente as promessas de transparência e controle associadas às tecnologias digitais contemporâneas. A expansão das capacidades de coleta e processamento de dados não elimina a contingência da experiência humana, assim como não dissolve as dimensões éticas e políticas que atravessam as formas de produção do conhecimento. Pelo contrário, quanto mais sofisticados se tornam os dispositivos de vigilância e previsão, mais urgente se torna a reflexão crítica sobre os limites epistemológicos e ontológicos desses sistemas.

O desafio colocado pelas sociedades digitais contemporâneas consiste em evitar que a promessa de inteligibilidade total se transforme em nova forma de obscurecimento do real. A ilusão do mundo aparente não desaparece com o avanço da tecnologia; ela apenas assume novas configurações. O panóptico digital universal, ao pretender converter o mundo em conjunto de dados plenamente legíveis, corre o risco de ocultar precisamente aquilo que torna a realidade historicamente viva: sua abertura ao imprevisto, à transformação e ao acontecimento. Assim, longe de representar a superação da opacidade do mundo, o regime contemporâneo de vigilância algorítmica revela a persistência de um

REVISTA MOVER — CIÊNCIAS E HUMANIDADES | REVISTA ACADÊMICA DE ACESSO ABERTO.
©2026 POR MOVER — CIÊNCIAS E HUMANIDADES
revistamover.com.br

paradoxo fundamental. Quanto mais se busca capturar e modelar a totalidade do real, mais evidente se torna que a realidade excede qualquer sistema de representação que pretenda esgotá-la. A malha do tempo permanece atravessada por fissuras, desvios e recomposições que escapam à captura integral por qualquer aparato técnico. É precisamente nesse espaço de indeterminação que se preserva a possibilidade do novo, da criação e da liberdade.

REVISTA MOVER — CIÊNCIAS E HUMANIDADES | REVISTA ACADÊMICA DE ACESSO ABERTO.
©2026 POR MOVER — CIÊNCIAS E HUMANIDADES
revistamover.com.br

REFERÊNCIAS

BARROS, Atila. “O código que precede o mundo no panóptico digital universal e o colapso da autonomia humana.” Novos Debates Sobre Tempo e Cultura nas Ciências Humanas, vol. 1, no. 1, Novos debates sobre tempo e cultura nas ciências humanas, 2025, p. 32. Disponível em:< https://doi.org/10.48209/978-65-5417-596-8>. Acesso 25/02/2026

BAUMAN, Zygmunt. Zygmunt. Modernidade líquida. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro. Editora Zahar, 2001.

BOSTROM, Nick. Are we living in a computer simulation? The philosophical quarterly, v. 53, n. 211, p. 243-255, 2003. Disponível em:<https://ora.ox.ac.uk/objects/uuid:44c386c4-5d9e-4ecf-a47c-9631a2a59747/download_file?safe_filename=Are%2Byou%2Bliving%2Bin%2Ba%2Bcomputer%2Bsimulation%3F&file_format=application%2Fpdf&type_of_work=Journal+article>. Acesso 07/01/2025

BOSTROM, Nick. Existential risks: Analyzing human extinction scenarios and related hazards. Journal of Evolution and technology, v. 9, 2002.

BOSTROM, Nick. Superintelligence: Paths, dangers, strategies. The Financial Times, 2014.

BOSTROM, Nick. The future of humanity. Geopolitics, History, and international relations, v. 1, n. 2, p. 41-78, 2009. Disponível em:<https://citeseerx.ist.psu.edu/document?repid=rep1&type=pdf&doi=95d08dfcf982a0a975e7fd276f1a2896304d321a>. Acesso 07/12/2025

BOSTROM, Nick. Where are they? Technology Review, v. 111, n. 3, 2008. Disponível em:<https://ora.ox.ac.uk/objects/uuid:6d5ee544-0990-4fc5-8010-be5b71c50a8b>. Acesso 16/01/2025

DELEUZE, Gilles. A filosofia crítica de Kant. Lisboa: Edições 70, 1983.

DELEUZE, Gilles. Diferença e repetição. Editora Paz e Terra, 2018.

DELEUZE, Gilles. Nietzsche et la philosophie. Paris: Press Universitaires de France, 1962.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DERRIDA, Jacques. Da Gramatologia. Tradução de Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DERRIDA, Jacques. Ética da Hospitalidade. Tradução de Antonio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.

©2026 POR MOVER — CIÊNCIAS E HUMANIDADES

DERRIDA, Jacques. L'écriture et la différence. Paris: Seuil, 1967.

DESMURGET, Michel. A fábrica de cretinos digitais: Os perigos das telas para nossas crianças. Editora Vestígio; 1ª edição (20 setembro 2021).

ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano: A Essência das Religiões. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ENDERLE, Rubens. Apresentação. In: MARX, K. Crítica da filosofia do direito de Hegel. São Paulo: Editora Boitempo, 2010.

FOUCAULT, M. (1977). Discipline and Punish: The Birth of the Prison. Vintage Books.

FOUCAULT, Michel. A Coragem da Verdade. Frederic Gros (org.) | 2008

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Loyola, 1995.

FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas. trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins, 1999.

FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. Histoire de la folie à l'âge classique. Paris: Gallimard, 1972.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontede de saber. In: História da sexualidade I: a vontede de saber. 1984.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade IV: As confissões da carne. Lisboa: Relógio DÁgua, 2019.

FOUCAULT, Michel. Isto não é um cachimbo. 1988.

FOUCAULT, Michel. L'Archéologie du savoir. Paris: Gallimard, 1969.

FOUCAULT, Michel. L'ordre du discours. Paris: Gallimard, 1971.

FOUCAULT, Michel. La volonté de savoir. Paris: Gallimard, 1976.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FOUCAULT, Michel. Nascimento da biopolítica. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. Ditos e escritos, v. 3, p. 411-422, 2001. Disponível em:<http://www.historiacultural.mpbnet.com.br/pos-modernismo/Foucault-De_Outros_Espacos.pdf>. Acesso 17/01/2025

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão. Petrópolis: Vozes, 1975.

©2026 POR MOVER — CIÊNCIAS E HUMANIDADES

FOUCAULT, Michel; KREMER-MARIETTI, Angèle. L'archéologie du savoir. Paris: Gallimard, 1969.
FOUCAULT, Michel; MOTTA, Manoel Barros da. Estratégia, poder-saber. In: Estratégia, poder-saber. 2012. VOLUME 1 a 5. Editora: Forense Universitária; 3ª edição.

GUATTARI, Félix. As três ecologias. Campinas: Papirus, 1990.

GUATTARI, Félix. Caosmose: um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 1992.

HUME, David. Investigação sobre o entendimento humano. Tradução de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

HUME, David. Tratado da natureza humana. São Paulo: UNESP, 2009.

KANT, Immanuel et al. Resposta à pergunta: que é esclarecimento. Textos seletos, v. 2, p. 104, 1985.

KANT, Immanuel. Crítica da faculdade do juízo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

KANT, Immanuel. Crítica da Razão Pura. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkien, 2001.

KANT, Immanuel. Critique of pure reason. Minerva Heritage Press, 2024.

KANT, Immanuel. Manual dos cursos de lógica geral. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

KANT, Immanuel. O conflito das faculdades. Lisboa: Edições 70, 1993.

KANT, Immanuel. Prolegómenos a toda a metafísica futura. Lisboa: Edições 70, 2008.

LADYMAN, James, & Ross, Don. (2007). Every Thing Must Go: Metaphysics Naturalized.

NIETZSCHE, Friedrich. A Gaia Ciência. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. Assim falou zaratustra. Minerva Heritage Press, 2024.

NIETZSCHE, Friedrich. Assim falou Zaratustra. Tradução de Mário da Silva. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da moral. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SARTRE, Jean-Paul. Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica. Editora vozes, 2024.

©2026 POR MOVER — CIÊNCIAS E HUMANIDADES

SARTRE, Jean-Paul; RICHMOND, Sarah; MORAN, Richard. Being and nothingness: An essay in phenomenological ontology. Routledge, 2022.

SILVA, Atila Barros da. O conceito de panóptico digital universal como uma reconfiguração contemporânea do modelo foucaultiano de vigilância. Revista Mover - Ciências e Humanidades. Vol.1 No.1 2026. Disponível em:< https://doi.org/10.66029/SYXJ4298>. Acesso 25/02/2026

TAYLOR, Charles et al. Multiculturalism: Examining the politics of recognition. Princeton University Press, 41 William St., Princeton, NJ 08540., 1994.

WEBER, Max. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

©2026 POR MOVER — CIÊNCIAS E HUMANIDADES